



Os Direitos da Criança



PORTE
PAGO

Quinzenário * 2 de Junho de 1979 * Ano XXXVI — N.º 919 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Os Direitos da Criança

VI — «A criança, para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, tem necessidade de amor e compreensão. Deve, tanto quanto possível, crescer sob a protecção e responsabilidade dos pais e em qualquer caso numa atmosfera de afecto e de segurança moral e material; a criança, na primeira idade, não deve, salvo circunstâncias excepcionais, ser separada da mãe. A sociedade e os poderes públicos têm o dever de consagrar um cuidado particular às crianças sem família ou às que não possuem meios de existência suficientes. É desejável que sejam concedidas às famílias numerosas, verbas do Estado ou outras para o sustento das crianças.»

Certamente já terei escrito nestas notas que uma família sã produz filhos sãos. Esta é a regra.

Se a instituição familiar fosse geralmente saudável, a problemática que se levanta sobre a criança e faz correr rios de tinta, nem teria razão de ser. As excepções seriam assumidas pela própria família e a sociedade não precisaria de grandes estruturas para lhes responder com os remédios adequados. E na hipótese des-

ta sanidade generalizada, o ambiente social também seria bom e libertaria a criança de muitas influências de sinal contrário que perturbam a sua segurança moral.

Se fosse... Mas não é. E esta constatação leva-nos mais fundo, aonde devem mergulhar as raízes dos Direitos da Criança. Sanear as famílias e, conseqüentemente, o ambiente social é um passo prévio que tornará o terreno propício àquelas raízes. Prévio na or-

dem lógica. Na ordem real, todos estes passos tão longamente omitidos, urge que sejam dados em simultâneo.

Foi de uma vez numa bouça no concelho de Matosinhos. Uma barraca imunda. Lá dentro uma mulher vendida em todas as linhas da miséria. Não nos queria atender. Famos pelo filho. Não no-lo queria dar. Depois foi acordando da sua embriaguez. Deu-nos a pista dele, que desde então é nosso. E ao partirmos, solta este grito da verdade que ainda havia

dentro dela: — Quem precisava de ser internada era eu.

A gente esquece muitas lições doutorais. Estas, nunca.

A desagregação moral que vai redundar sobre as crianças é um mal em crescimento acelerado que, sendo o mais difícil de curar porque toca no mais íntimo das pessoas, pode, todavia, ser travado e não é, umas vezes por inércia ou covardia, outras em nome da liberdade. A verdade é que onde não chegou a haver família ou onde esta se desmo-

ronou, faltou o «amor e compreensão» e faltará «a atmosfera de afecto e segurança moral e material» de que a «criança necessita para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade». Sobem à minha cabeça, em turbilhão, casos e casos que enchem a nossa vida, em que tantos desequilíbrios e traumas duram a infância e atravessam a juventude e às vezes se projectam na idade adulta, por carência

Cont. na 4.ª pág.

REFLECTINDO

No passado domingo, o sexto depois da Páscoa, todas as leituras da liturgia desse dia eram um forte convite ao amor. Convite que os homens escutam há tantos séculos, mas que se mantém necessário, porque encontra sempre muitos ouvidos surdos. É absolutamente desnecessário provar a afirmação que acabo de fazer; bastanos ouvir qualquer noticiário, ler qualquer jornal, para nos darmos conta do desamor que impera por esse mundo fora.

Na primeira leitura tirada dos Actos dos Apóstolos se afirma a universalidade da Salvação trazida por Cristo a todos os homens. Todos os homens são chamados a formar um único Povo de Deus sem distinguir 1.º, 2.º e 3.º Mundo. Deus quer um só povo onde a dignidade de cada homem seja reconhecida e onde todos os homens se olhem uns aos outros como irmãos.

Na segunda leitura, S. João afirma: «Quem não ama não conheceu Deus, porque Deus é amor». Afirmação clara e absoluta de que seguir a Deus é

amar, porque Ele é Amor. O desamor que impede é, pois, prova também clara e absoluta de que os homens trazem a sua inteligência e o seu coração afastados de Deus. Não porque a Sua mensagem esteja pouco difundida, mas porque o egoísmo que impera com impulso forte e constante, é raiz de surdez e de cegueira, que impede a Verdade de penetrar e não deixa que a Luz seja vista.

Do Evangelho de S. João podemos ouvir, no passado domingo: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no Meu amor. Se guardardes os Meus Mandamentos, permaneceréis no Meu Amor, assim como Eu tenho guardado os Mandamentos de Meu Pai e permaneço no Seu Amor.» Também palavras claras que nos apontam o Caminho. Para estarmos com Deus temos que O amar amando-nos uns aos outros.

A fraternidade não é, pois, doutrina nova descoberta por

Cont. na 3.ª pág.



É um dos mais belos quadros da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

AQUI, LISBOA!

«Os preceitos constitucionais e legais relativos aos direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados de harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem.» (Artigo 16.º, § 2, da Constituição da República)

A Amnistia Internacional, organização defensora dos Direitos Humanos, considera como básicos destes os cinco princípios seguintes: 1. Os Direitos Humanos são um fim e não um meio; 2. Os Direitos Humanos são indivisíveis; 3. Os Direitos Humanos são concretos e específicos; 4. Os Direitos Humanos são universais; 5. Os Direitos Humanos não podem ser protegidos se forem unicamente confiados aos governos.

Nestas colunas, embora de

maneira não sistemática, outra coisa não se tem pretendido que defender o Homem, denunciando as arbitrariedades e as injustiças de que é vítima. Já lá vão 36 anos de luta insana, nem sempre fácil, de defesa da dignidade humana, independentemente de ideologias, de ambições mundanas de qualquer espécie ou de interesses mesquinhos nem sempre claros. O nosso centro de interesse é o Homem, criatura de Deus, criado à Sua imagem e semelhança. A nossa

cartilha é o Evangelho e o nosso propósito servir, sobretudo os mais pobres e fracos. As linhas de Puebla e da «Redemptor Hominis», porque libertadoras, são as nossas. E como, para lá das nossas próprias limitações, vamos perseguindo a coerência de vida e fazendo algo de útil, sentimo-nos à vontade.

À laia de «flashes», hoje, vamos apontar algumas injustiças, chamando para elas a aten-

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

COMPANHEIRO — Quando os estudantes nocturnos chegam das aulas são quase sempre 11 h e 15 m.

Frente ao nosso portão, temos um jardim com um cruzeiro e um candeeiro e uma fonte... seca.

Uma ocasião vimos, bem no cimo da cruz, uma ave. Todos nos interrogávamos do que seria, mas não obtivemos uma conclusão.

Outros dias se seguiram e o mesmo caso se nos depara.

Diz alguém: — É um mocho!

Sim, realmente era um mocho e continua a fazer-nos companhia, se bem que agora com muito menos assiduidade. É o nosso companheiro de chegada!

VISITAS — O ano lectivo está quase no fim e, como habitualmente, alunos de várias Escolas Primárias vêm até nós.

É uma pequena multidão de gente todos os dias. Comem, passeiam, brincam e observam.

A nossa tipografia anda em obras e na composição estão a fazer umas divisões para as máquinas, com gradeamento de ferro. Os miúdos ao verem aquilo chamam-lhe «esquadra»! Gostamos da visita de todos eles e esperamos também que tenham gostado de nos visitar.

PISCINA — A nossa piscina está com água limpa e apetitosa.

Já se tomaram, este ano, boas banhoscas!

Alguns amigos deviam conhecer o local antes de ser hoje a piscina. Pois era o canto mais feio e mais sujo da nossa quinta. Hoje, é o mais bonito e o mais procurado. Os nossos miúdos a toda a hora perguntam se há banho ou não há banho. Depois, é uma correria com os calções na mão só para serem os primeiros a chegar. Já não digo os primeiros a entrar na água porque para isso há uma ordem do responsável.

Como o banho é no fim do dia de trabalho, muitos vêm cheios de pó ou sujos por qualquer razão. Se não se lavassem antes de entrarem para a piscina, a água ficava suja num instante.

Depois é vê-los felizes na nossa piscina — naquilo que todos nós construímos.

É que se passaram ali dias a carregar placas em que quase toda a nossa Comunidade colaborou.

— Eu sei nadar!

— Eu já mergulho melhor que tu!

— Sr. P.e Carlos, eu sei nadar.

Quer ver?

— Vamos ao «caça-caça» na água?

É assim na hora do banho. Todos nos sentimos contentes e felizes por podermos refrescar o corpo no fim do trabalho que, se quase sempre nos põe a transpirar nos dias primaveris, muito mais no Verão.

DESCUIDOS — Cá em Casa, ou se tem muita atenção pelos pequenos ou então não podemos passar um minuto sem os termos debaixo de vista.

Foi nos silos, aquando da ensilagem de erva para o nosso gado. O

«Cergal» deixou os dedos na corrente da máquina de moer!...

Foram logo tomadas providências. Seguiu para Penafiel, mas, de lá, mandaram-no para o Porto. Está internado e muito melhor de saúde.

O futebol, cá em Casa, é um desporto com muitos adeptos. Também temos mini-futebol e para isso umas balizas mais pequenas que ficam encostadas aos lados do campo para logo que sejam necessárias possam estar perto.

Pois bem, o nosso «Tó» resolveu pendurar-se numa delas. Tanto balouçou que a baliza acabou por lhe cair em cima de três dedos. Já está com a mão em gesso!

Há muito tempo que não tínhamos nada deste género. Aliás, numa Casa de crianças estas coisas são naturais. Mas dizem: «Ao menino e ao bor-racho mete Deus a mão por baixo»...

FESTIVAL DA CANÇÃO — Está em estudo um II Festival da Canção para o mês de Junho.

O nosso conjunto está a trabalhar nesse sentido. Fazendo composições e ensaiando com quem deseja participar musicalmente. E vamos a ver como nos desenrascamos!

COLISEU — Estivemos no Coliseu pela segunda vez, este ano. Foi uma autêntica surpresa! Os nossos Amigos demonstraram que o amor que nos têm é muito. Apesar de haver também festa no Palácio de Cristal, futebol, etc., etc. não evitaram estar connosco!

Contávamos com uma sala mais vazia, mas as previsões saíram erradas! Até o Júlio Mendes se admirou. Claro que as pessoas que vêm cá durante o ano são muitas e dão perfeitamente para encher a sala. Porém, as contrariedades e os afazeres são muitos e as pessoas não podem estar sempre connosco...

Obrigado aos bons Amigos do Porto e à Empresa Artística do Coliseu que nos acolhem sempre com muita amizade.

«GRILARIA» — Todos os anos voltamos ao mesmo. Os grilos são notícia nestas colunas.

Cá em Casa já andam grilos em caixas, mas em menor quantidade que o ano transacto.

Na Capela, à oração da tarde, os grilos fazem parte integrante. Quando saíamos da Capela, encontrei o «Pardal» com uma caixa deles na mão, e, como sabia que ele anda «mal» com o «Passarinho», interpelei:

— Ouve lá, ó «Pardal», quantos grilos tens?

— Três e um que canta na mão!

— Não te importas de dar um ao «Passarinho»...?

— Qual quê! Ele tem o mesmo tempo que eu para os ir apanhar e se não os tem é porque não quer.

— Mas tu podias ao menos dar-lhe um e faziam as pazes, não achas?

— Não dou! Ele é que tem culpa de andarmos zangados um com o outro e não estou disposto a fazer as pazes sem que ele reconheça que é o verdadeiro culpado do nosso desen-tendimento...

— Bom, então vai pensando numa outra maneira de começares a dar-te bem com ele.

Entretanto, os nossos campos são alvo dos pés dos «caçadores». O nos-

so centeio tem sido pisado por causa dos grilos, apesar dos avisos feitos pelo P.e Moura. Se não houver cuidado, há «prisão» de grilos!

DESPORTO — Vai realizar-se entre os dias 2 a 17 de Junho, mais um Festival organizado pelo nosso Grupo Desportivo

Nele poderão participar todos os Rapazes da Casa.

Com certeza que muita gente já deve estar a trabalhar nesse sentido.

O Alvaro tem andado a divulgar e a seleccionar os vários elementos que se queiram inscrever em diversas modalidades.

Oxalá esta iniciativa seja ainda mais proveitosa que as outras. E que tudo corra bem é o nosso maior desejo.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

HABITAÇÃO — Nunca houve tanta procura de moradias do Património dos Pobres! Não da parte do Indigente, sim de jovens casais sem habitação condigna ou por carências de vária ordem.

Na parte que nos toca, — porque somos abordados — sentimos na alma os problemas, para os quais não vemos, de imediato, solução cabal, dado que as primeiras moradias do Património dos Pobres (ocupadas) foram erguidas para casais sem agregado familiar ou para um só inquilino. Amontoar seria desvirtuar a ra-

zão de ser do Património dos Pobres...

Algumas destas famílias sem alojamento fazem das tripas coração. E, num acto de loucura divina, suprem, melhor ou pior, sabe Deus como..., suas carências, lançando-se na Auto-construção espontânea. Mas nem todos podem ou poderão seguir esta via, esta pista. É a falta de terrenos loteados. É o seu preço astronómico, na generalidade. É a alta do custo de vida que se repercute em flecha nos custos da construção civil. É uma série de bloqueios... Na verdade, a gente pasma ao saber de quem decide, por necessidade absoluta, a arrastar sua *via-crucis* na Auto-construção.

Há dias, um par de noivos, já com bragal pronto, correu seca e meca no reduzidíssimo mercado de habitação. Pois não conseguiu nada de nada! Que será desta família em gestação?!

Oficialmente, os planos de fomento habitacional estão praticamente circunscritos a zonas urbanas e suburbanas. Posteriores dormitórios são preteridos pelas técnicas de planeamento, quanto mais as zonas essencialmente rurais...!

Na realidade, somos um País macrocéfalo, com gravíssimas omissões, deficiências (ou desordenamentos) no planeamento e desenvolvimento regional.

As coisas vão muito mal nos domínios da habitação dita social! E não se vislumbra um volta-face... Quando, na realidade, se deveria dar prioridade a investimentos neste campo, porque, além do mais, é aquele que, nos seus custos, incorpora menor quantidade de divisas. Será miopia, desconhecimento do País real...?

O certo, porém, é que, neste andar de caranguejo, nem daqui por 50 anos o País saldará seu tremendo déficit habitacional!

PARTILHA — De um cheque da assinante 25037, de Lisboa, coube aos nossos Pobres 300\$00, «pois andam sempre aflitos para conseguirem pagar as muitas despesas que tem a Conferência» — sublinha esta leitora. Mas o Senhor, por vossas mãos, supre na altura precisa! É o caso.

Por intermédio do nosso Padre Horácio, 150\$00 de Tortozendo. Um velho Amigo virado aos problemas da Terceira Idade — que, já de si, lhe dão muito trabalho, muitas voltas — aperta-nos a mão com 100\$00. «É pouco, mas, agora, não posso mais.» E não! Sentimos escrupulo em receber a nota. Seríamos indelicados se bloqueássemos!

Em vale do correio, 1.000\$00 de Maria Júlia, de Lisboa. São muitas, na capital... Alvide com 2.650\$00, «produto do meu trabalho em dias santos». Uma Empregada doméstica, de Lisboa, aparece muitas vezes; agora com 200\$00. Macedo do Peso, 100\$00 e uma invocação, que termina assim: «Por vezes as dificuldades são grandes, mas temos que acreditar que a Misericórdia de Deus é muito maior — pois é Infinita».

Casal-assinante 17022 com a remessa habitual: 200\$00. Assinante 28053, metade e um lamento: «Eu sei que é bem pouco, mas com as despesas que fiz ultimamente tenho andado um pouco atrapalhada». E não esqueceu os Outros, com mais necessidade!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Livro «O CALVÁRIO»

● «Já há muito que tinha desejo de ler «O CALVÁRIO», que acabo de receber, mas nunca pensei que pudessem existir, na nossa querida terra, tanto sofrimento, tanta dor, tanta miséria que nos envergonha. Sim, sinto vergonha, como português, que tais quadros existam ainda.

Nunca quis ser rico, porque sê-lo é possuir qualquer coisa que é dos Outros, de quem se deveriam lembrar sempre, mas tenho pena de não ter o suficiente para comprar uns milhares desses livros para os enviar aos nossos políticos, para apreciarem a obra que vão criando e aumentando, para nossa maior vergonha.»

● «Escrevo para vos agradecer o envio dos livros pedidos. Sensibilizou-me o modo como o fizestes! Confiais nos

irmãos desconhecidos! Deus vos ajude!...

Pensei que os livros viessem à cobrança, mas eles não têm preço!... São livros de meditação. São a Palavra do Senhor que vem bulir em nossas consciências.

Em cada capítulo lido, sou obrigada a meditar e a fazer uma ressonância! Então, o meu pensamento vai para Deus em acção de graças pelos bens que Ele dá gratuitamente sem que eu os merecesse.

Agora não tenho coragem para me queixar dos meus infortúnios e dos meus males! Que são eles em comparação com os dos meus irmãos do Calvário?!»

● «Recebi «O CALVÁRIO» que me emocionou tremendamente, «chocando-me» até certas passagens pela sua crueza e realismo.

Junto 150\$00, pouco, eu sei, mas de momento é de quanto eu posso dispor.»

● «Para quem anda permanentemente embrenhado nessa lufa-lufa que é a vida de cada dia, sobretudo presentemente, faz bem tomar consciência de que nem todos os Irmãos em Cristo podem andar assim distantes das coisas de Deus, porque o mundo e a sociedade não se preocupam, como deviam e têm obrigação, em dar-lhes as condições de vida e sobrevivência a que têm direito.

Quantos de nós passamos a vida a lamentar-nos quando, afinal, há tantos que sofrem resignadamente, ou inconscientemente, sem que todos nós (ou a maior parte de nós) to-memos disso consciência.

Pela chicotada que desperta e consciencializa, estou grato pelo envio de «O CALVÁRIO».

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

ção daqueles que nos governam ou detêm o poder de decisão.

■ A primeira questão, aliás já aqui aborçada, diz respeito aos saneados administrativamente. No sector civil já algo se reparou, embora muito haja a fazer. No sector militar, centenas de irmãos nossos aguardam que se lhes preste justiça. Fez-se uma revolução para instituir um Estado de Direito, dizia-se nas proclamações revolucionárias. Sem ouvir as pessoas, sem qualquer explicação ou processo, portanto, contrariando os mais curiais princípios e articulados, muitos concidadãos foram lesados nos seus direitos e arrastados para as mais difíceis situações. Homens ímpolutos e sacrificados, com provas dadas de amor à sua Terra, têm aguardado em vão a hora da verdade e da reintegração nos seus postos de trabalho. Entretanto, outros, oportunistas e interesseiros, têm ocupado os seus lugares, às vezes sem

mérito nem qualidades visíveis.

Perguntamo-nos que autoridade moral pode haver para falar nos termos correntes de liberdade, justiça, direitos e coisas quejandas se não há a coragem de restituir aos lesados aquilo que lhes pertence, em valores morais e materiais? Sobretudo aos juristas e aos militares, com formação humanística autêntica, cabe um papel essencial neste processo. Diríamos mesmo que, se tal reparação não se fizer, e ela urge, jamais se apagará o labéu ou o ferrete que atinge uma época e as próprias Instituições, denegrindo-as e tornando-as indignas de si mesmas e dos homens.

■ «Todo o indivíduo tem direito a uma nacionalidade», diz o art.º 15.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Por sua vez, a Declaração Universal dos Direitos da Criança, no seu número 3 acrescenta: «A criança tem direito desde o nascimento a um nome e a uma nacionalidade». Infelizmente, para muitas

centenas, mesmo milhares de pessoas, o direito acima enunciado não passa de mera teoria. Não admira, até, e afirmamos isto com conhecimento de causa, que proliferem os oportunistas, fazedores de certidões e de documentos, explorando, e de que maneira, os carenciados de papelada, em ordem à obtenção dos elementos de registo e de identificação respectivos. A revolução já lá vai há mais de cinco anos e pouco ou nada se providenciou no sentido de encontrar uma solução para o problema.

Vejamos, por exemplo, a traços largos, o que se tem passado com dois dos nossos Rapazes, oriundos de S. Tomé, vindos para nossa Casa em Novembro de 1969, sem pais nem família. Na altura do seu ingresso pediram-se certidões de cópia integral para fazer a respectiva transcrição nos Registos Centrais de Lisboa. Eram portugueses e até ao 25 de Abril assim foram considerados. Agora, o que sucede? São apátridas. Pedidas certidões na Conservatória dos Registos Centrais, estas não servem para tirar o bilhete de identidade. Pedidas certidões na Embaixada de S. Tomé, desta antiga Província, não mandam nada por estar averbada a transcrição em Lisboa. Tendo ido ao Ministério da Administração Interna, remeteram-nos para o Arquivo de Identificação. Deste fomos parar ao Tribunal de Menores. Nada. O que fazer? Não sabemos. Se houver algum Leitor que saiba, agradecemos que nos informe. Entretanto, de Herodes para Pilatos, de Anás para Caifás, cá vamos gastando o nosso tempinho, sem êxito e ante o manifesto prejuízo dos

Reflectindo

Cont. da 1.ª pág.

homens mais ou menos bem intencionados. Foi anunciada de uma forma directa e limpa por Cristo, numa altura em que as leis dos homens consideravam natural a escravatura. Foi então anunciada por Cristo e vivida pelos primeiros cristãos, a tal ponto que eram conhecidos pelo amor que os ligava.

Não é amor o que liga os povos divididos entre si por diversas ideologias, remando cada um para seu lado, gastando energias e bens materiais necessários à construção de hospitais, de escolas, etc... Não é o amor o que anima as sociedades que têm no seu seio homens abandonados, sem condições de vida digna, mães sem terem o necessário para criar e educar os seus filhos, pessoas de idade sem pensão, ou com pensões que pouco mais são que simbólicas.

A Palavra de Deus é clara e seria operante se os corações não estivessem endurecidos... Seria outra a face da Terra... Mais risonhos os dias desta vida...

Padre Abel

interessados, por causa da sua vida escolar e não só.

■ As indemnizações devidas aos detentores de poupanças e aos espoliados dos seus bens e rendimentos nunca mais se realizam. Há milhares de pessoas a passar mal, mesmo muito mal, por não se cumprirem as leis ou por não se legislar no sentido de resolver o assunto. Tendo em vista, dum modo particular, os pequenos e médios accionistas ou proprietários, aqui deixamos estas linhas. Portugal diz aceitar a «Declaração Universal dos Direitos do Homem». Ora esta, no artigo 17.º, afirma: «1. Todas as pessoas, individual ou colectivamente, têm direito à propriedade; 2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade».

Quem escreve estas linhas não tem interesses materiais próximos ou remotos na problemática afluída. Pensa, porém, que deve lutar, pela Jus-

tiça e pelo bem comum, pon-do à consideração dos Homens públicos aquilo que a todos diz respeito, lembrando-lhes que as injustiças não se reparam com outras injustiças maiores e que não é, por muito falarmos no Povo, que o defendemos e respeitamos.

■ FESTAS — Quando este número de O GAIATO sair já terão sido as nossas Festas. Os ensaios e preparativos continuam, enquanto, de todo o lado, se manifesta entusiasmo. Vejam lá, do coração do Alentejo e do Algarve, para não dizer de outros sítios mais próximos, há quem viaje para Lisboa, a fim de assistir à Festa no Monumental!

■ TORNO — Têm chegado participações. Bem hajam todos. Os retardatários, porém, ainda têm lugar no «negócio».

Padre Luiz

SETÚBAL

Carta de Carianga (MALANJE)

Meus caros Irmãos:

É com bastante alegria que começo por escrever, pois desejo que estas simples linhas vos encontrem com uma óptima disposição, na companhia de todos os Amigos da nossa Obra, que ajudam a fazer um Mundo cheio de alegria e de justiça.

Nós, irmãos da Carianga, na companhia do nosso Pai — o sr. Padre Telmo — estamos de perfeita saúde, graças a Deus.

Pois nós, os Rapazes de Malanje, ficámos sem a nossa Casa, feita com tanto suor. E tanto vós como nós, vivemos a mesma tristeza, pois a Obra da Rua é comum, fundada por Pai Américo.

Além de tanto suor brotado sobre a terra virgem, continuamos juntos do nosso querido Padre Telmo, a progredir, a demonstrar que, finalmente, temos forças suficientes para fazer ainda uma pequena chitaca onde poderemos viver em contacto com a Natureza criada por Deus.

Temos recebido certos Amigos de Malanje e, como os gaiatos que por aqui se encontram, estão admirados com tanto trabalho realizado em tão curto espaço de tempo, pois a força de vontade é tanta que nós não nos cansamos tão rápido.

Queridos Irmãos, espero que continuem a trabalhar com bastante alegria para que a nossa Obra continue firme.

Peço a todos os gaiatos, em conjunto com todos os nossos leitores, se nos podem ajudar neste aspecto. Pois a tristeza é tanta, que devemos esquecê-la, porque se não, não teremos forças para trabalhar. Vimos, por este meio, pedir se é possível arranjar-nos uma viola de 6 fios.

Queridos Irmãos de Setúbal a Paço de Sousa, vou dar por encerrada a minha pequena carta, com bastantes saudades vossas. Peço, pedimos, a Deus que vos ajude em todas as dificuldades.

Para todos os continuadores da nossa Obra, um forte abraço de um irmão malanjino.

Para todos os gaiatos e Amigos da Obra da Rua, um forte abraço.

Para o Júlio da Silva, esposa e seus lindos filhos, desejo boa saúde.

Abraços da Carianga.

«Primo Velho»

● Trabalho. Ai da nossa educação se não fora ele! Agora andam eles agarrados à sementeira da batata. Outros plantam árvores, aumentando os nossos pomares. Cá em Casa o trabalho, seja qual for a sua categoria, é escola. E tantas vezes é nele que eles aprendem a ser alunos das letras que os professores lhes dão.

● Há dias chegou o Rui. Eles chamam-lhe o «Vialonga». Vieram trazê-lo e logo ali bateu o pé a dizer que não queria ficar. E como não temos muros nem arame farpado, guardas nem perceptores, logo o Rui safu da nossa quinta, seguindo a estrada por onde o trouxeram. Tem 15 anos. Custa deixar a rua... Sente já saudades dela. Alguém foi até ele e chamou-o. É difícil mostrar e fazer sentir a razão nestas idades em que só a rua mais a liberdade dela valem.

Pois o Rui andou a ver o nosso ambiente e já tem comunicação com a nossa vida. O pai já aqui esteve e que não venha ele estragar o que a Casa do Gaiato quer construir... Tem sido assim muitas vezes! Nós não tiramos da mente deles o amor que cada um deve aos seus pais, mas desejamos que dêem fé dos deveres que não-de ter para com eles. Formar consciências, eis o nosso objectivo.

● O nosso «rei» tem nos seus aposentos uma cama toda cromada, digna dum príncipe. Não sei de onde é que ela veio. O que sei é que adormece nela a cantar. Como seria dantes, embrulhado em trapos juntos

com tábuas, pratos e não sei que mais? Agora é o «rei» e está tudo dito.

● Eloi é o cozinheiro do Lar. De roda dele temos limoeiros, cerejeiras, laranjeiras e nespereiras. Pois hoje aconteceu o que já tem acontecido outras vezes: os rapazes de fora saltam e surripam. Desta vez a coisa não foi fácil. Eloi estava alerta e foi atrás dos faltosos. Como eles retilassem com ameaças, o nosso cozinheiro não esteve com meias medidas e chegou-lhes uns sopapos, trazendo para casa o fruto roubado.

Duas lições: os gaiatos consciencializados de que a Obra, e como tal as coisas dela são deles e para eles. A segunda lição vem dos de fora: o à vontade com que pegam no alheio, não sei com que consciencialização. Ora que fique aqui o gesto do Eloi contra os faltosos para que toda a gente saiba que quando é preciso temos cá «padeiras de Aljubarrotas».

● Amândio é um dos algarvios que no tempo dos peditórios trouxemos de lá. Veio muito metido nele, olhando tudo e todos. Com os olhos e a cabeça de quem parte o ovo para saber o que lá está dentro. Eu tenho presenciado isto do Amândio. E tenho conquistado o seu olhar, mais um nadinha do seu sorriso. Ele, então metido dentro de si, vem agora muitas vezes perguntar «o que é isto, para que é aquilo». Se eu tenho paciência pa-

Cont. na 4.ª pág.

FESTAS

Sensibilizados com a multidão que, dia 13 de Maio, afluiu à «matinée» no Coliseu do Porto, apesar de muitos Amigos não poderem estar fisicamente connosco, pois se dirigiram a Fátima e não só; muito sensibilizados, ainda, com as provas de estima pela Obra da Rua, colhidas ao longo da nossa digressão, aí vai expressiva ressonância duma professora em carta dirigida ao nosso Zé Manel:

«Vou contar-te uma história que é diferente de tantas outras porque esta é mesmo verdadeira.

Eu ouvia já há muitos anos falar dos gaiatos. Era ainda criança e lia O GAIATO, porque a minha mãe o comprava. Era para mim uma surpresa agradável quando ela o trazia.

Fui crescendo. Continuei a gostar do jornal. Comecei a ouvir falar do teatro que anualmente fazem e tinha uma vontade enorme de também ir. Mas tinha que compreender que o bilhete custava dinheiro e os meus pais faziam muitos sacrifícios para eu poder estar a estudar. Portanto, nunca assisti.

Comecei a trabalhar, já tinha o meu dinheiro, mas como não estava em Aveiro, só lá vinha passar o fim-de-semana, também não podia assistir. Este ano estou per-tinho de Aveiro, vou para casa todos os dias e assim pude ver-vos.

Mas estou feliz porque, já quantas vezes entrei naquela mesma sala do Teatro Aveirense em bons espectáculos e nunca nenhum foi tão bom para mim! Vocês merecem sinceramente os meus parabéns, portaram-se da melhor maneira; mas sobretudo as vossas coisinhas simples, alegres, que fazem rir de uma maneira sadia, não esquecem mais. Vivi convosco tudo aquilo durante mais de duas horas. Só de uma coisa tive pena: que não pudéssemos estar todos juntos, brincarmos todos juntos, pensarmos todos juntos e não queria que houvesse palco nem cadeiras — fosse uma sala ampla. É que vocês cativaram-me. Porquê? Não sei bem. Por serem crianças? Talvez. Mas nem só por isso. Eu sou professora, todos os dias tenho 26 meninos. Gosto tanto deles, que para mim as férias são sempre mais tristes por não nos encontrarmos. Eles fazem-me falta para eu ser mais alegre, para conversarmos, brincarmos juntos, rirmos das suas confusões, sei lá, tantas coisas. E vocês, crianças, também nos dão belos exemplos. Ainda ontem, àquela hora, já tão tarde e todos com carinhas bem dispostas, sem pensarem sequer no sono, nem mesmo os mais pequeninos! E nós adultos, às vezes, somos comodistas, pensamos mais no que nos apetece do que no que deveríamos fazer.

Por tudo isto, pelos vossos olhinhos brilhantes, eu quero ser vossa amiga. Uma amiguinha um pouquinho mais velha.

E tenho-me dirigido a ti, «Soldadinho pequenino», porque te achei piada. Mostraste a tua boa vontade colaborando em bastantes números. Cantas muito bem. És amigo de muitas pessoas ao ofereceres-lhe o teu sorriso aberto. Tens um remoinho na testa que te fica mesmo bem... Mas olha lá, ó Zé Manel, és um soldado muito malandro... Um soldado em ponto pequenino mas que parece valer em ponto grande.»

Júlio Mendes

ZONA NORTE

2 de Junho — Salão Paroquial de Meinedo
PENAFIEL

15 » » — Cine-Teatro João Verde
MONÇÃO

ZONA CENTRO

2 de Junho, às 21.30 h — Teatro de Anadia
ANADIA

Os Direitos da Criança

Cont. da 1.ª pág.

desta «atmosfera» nos primeiros anos de vida. Os teóricos dizem que é assim mesmo; nós provamo-lo. Frequentemente o temos afirmado nestas colunas, que o menor dos dramas de que são vítimas os nossos Rapazes, é a orfandade. Ficar só no mundo, sabendo o pai para ali e a mãe para acolá, é incomparavelmente mais doloroso e traumatizante. E mais tarde ou mais cedo, romperá a revolta (projectada às vezes sobre quem não tem a culpa) contra uma sociedade espantosamente permissiva, que não tolera outras deserções bem menos importantes, em si e nas suas consequências, mas tolera estas do dever paternal e, praticamente, as deixa impunes.

Nem todos chegam à consciência daquela pobre mulher que já citei, mas quantas vezes, perante a história de um candidato às nossas Casas, gritamos dentro de nós: — Quem precisava de ser internado era o pai... ou a mãe..., quando não os dois.

É um mundo, ao mesmo tempo terrível e apaixonante, à espera de quem se dê à sua reconversão. É tarefa muito difícil, porque toca no mais íntimo das pessoas; mas difícil não é o mesmo que impossível — não dá licença para deixar cair os braços!

Talvez o artigo 6.º da Declaração que estamos reflectindo não contemple tanto este aspecto moral, como o económico. Mas regozija-nos o pensamento recto, espiritual, que o informa: primeiro os pais.

Ninguém como eles para soprar bafo de amor, para criar a atmosfera de afecto e segurança que assegurará à criança «o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade». Por isso ela «deve crescer, tanto quanto possível, sob a protecção e responsabilidade dos pais». Por isso, «na primeira idade, salvo circunstâncias excepcionais, não deve ser separada da mãe».

«A sociedade e os poderes públicos têm o dever de consagrar um cuidado particular às crianças...», não para se sobrepor à Família, mas para a substituir quando ela não existe, ou ajudá-la quando ela «não possui os meios de existência suficientes».

Está tudo no seu lugar: primeiro a Família, depois os poderes públicos. Não há aqui teorias materialistas que coisificam o homem desde criança, sem preocupação do «desenvolvimento harmonioso da sua personalidade», antes tendo como meta fazer dele mais uma peça afinada da engrenagem social. Nem se abraça por princípio a limitação dos nascimentos: «É desejável que sejam concedidas às famílias numerosas, verbas do Estado ou outras, para o sustento das crian-

ças». Quantas delas a menos em Casas de Assistência, se um Instituto de Família e Acção Social estivesse provido para remediar «in-loco» em vez de entreter com subsidiozinhos que nada resolvem, ou endossar àquelas a solução.

Quando o problema é de pão... não há problema, onde houver justiça social digna do nome, onde se procurar uma prosperidade pública fraterna, onde se criar uma mentalidade generalizada de multiplicar para dividir.

Foi assim que aconteceu «naquele tempo» as duas multiplicações de pão de que nos fala o Evangelho. Jesus não

quis fazer mais uma espécie de milagre. Viu as multidões enfraquecidas e doeu-se delas. Era urgente dividir por cada um o quinhão suficiente. Não havia comida que chegasse... Multiplicou-a. Não foi para se exibir. Foi para nos ensinar o Seu amor pelos homens e nos transmitir o Seu poder divino.

Não é por falta de pão que há fome no mundo. Quando um homem tem na sua alma a paixão de dividir, dá-lhe Deus o poder de multiplicar. Não é milagre, é a Providência. Não vamos mais longe: Pai Américo disse-o e fez.

Padre Carlos

SETÚBAL

Cont. da 3.ª pág.

sinou: «toda a liberdade dentro da responsabilidade».

ra lhe responder, ele fica contente e procura saber mais. Eu é que nem sempre os atendo como eles mereciam. Daí que às vezes o Amândio saia de ao pé de mim na incerteza do amor que os grandes devem aos pequenos.

● Fizeram manifestações ao vinte e cinco de Abril. Nós também fizemos, mas à nossa maneira. Dormimos um pouco mais e aproveitámos o dia para ensaiarmos os números p'ra nossa Festa que desejamos fazer. Também nós escutamos e desejamos a liberdade e tomamos nota para que ela não seja deturpada nas consciências daqueles que nos estão entregues. Eu vi os nossos no salão, no campo da bola, na cozinha, no refeitório e outras obrigações e apetecia-me gritar o que Pai Américo nos en-

● Festas. A hora que escrevo estamos marcando datas. O fogo interior de alguns dos da Casa, mais dos Amigos de fora que estão sempre a perguntar se temos ou não, levou-nos a atizar a fogueira e procurar alimentá-la.

Os ensaios fazem-se em ritmo acelerado por via de não termos «vedetas». Nós sentimos a falta das Festas. Eles são os primeiros a carecerem delas. Os vendedores de O GAIATO trazem recado de gentes que esperam por elas. Os que trazem recado levarão recado. Desejaríamos que os Amigos comunicassem entre si. Os nossos «Batatas» dirão por si que a criança depende da gente crescida. Queremos que seja um acordar de todos, numa alegria aberta que todos buscamos.

Ernesto Pinto



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 38.700 exemplares